

Aberta a corrida pela sucessão de Lula

Murillo de Aragão
de Brasília



A O LARGO DAS apostas sobre favoritos, 2006 terá aspectos inusitados frente às demais competições eleitorais do período pós-redemocratização. O mais interessante deles será ver o PT solidamente instalado no *establishment* político com um discurso econômico austero, apoiado por amplo leque de aliados de cores ideológicas distintas.

O PT irá disputar sem ter que enfrentar um partido semelhante ao PT do passado. Esse fato se constitui em enorme vantagem para Lula. O discurso oposicionista de hoje é civilizado e centrado em questões de desempenho e competência.

Chama a atenção o fato de que o discurso sobre a política econômica será convergente no tocante à estabilidade e divergente a respeito das fórmulas que visam alcançar o crescimento acelerado. Apesar de amargar taxas do PIB inexpressivas na era FHC, o PSDB vai prometer aquilo o que Lula ainda não entregou em matéria de desempenho econômico. Se tudo continuar dando certo, Lula dirá que o Brasil cresceu e crescerá ainda mais caso ele seja reeleito. O PSDB replicará que o PT é incompetente e desperdiça recursos com o desmonte da rede de proteção social criada por FHC.

O debate sobre competências gerenciais ganhará importância. Apesar do inegável sucesso econômico, *so far so good*, a capacidade administrativa de Lula está aquém das necessidades do País. O discurso do bom administrador pode ganhar corpo se o atual comando não melhorar significativamente.

O eventual surgimento de uma terceira via menos alegórica do que a exercida por Garotinho e menos histriônica do que a representada por Ciro Gomes na eleição passada pode ser um fato novo. No papel representado por Ciro e Garotinho na eleição passada, poderá surgir um candidato a partir de uma coalizão em torno do

PPS e do PDT. Tudo com base no surpreendente crescimento do PPS nas eleições municipais e da teimosa sobrevivência do PDT pós-Brizola.

Aspecto curioso é a divisão do *establishment*. Preocupado com uma boa interlocução com o poder constituído, o alto empresariado nacional tende a apoiar o governo, ainda que mantenha canais de comunicação com a oposição mais forte. Foi assim com Lula. Na eleição passada, esse apoio foi dado a Serra e migrou para Lula ao longo da campanha. No futuro, as forças econômicas do setor privado poderão se dividir entre Lula e uma candidatura Tucana forte.

Outro fator relevante em virtude de sua vinculação com a combativa militância do PT é a decepção de expressivos setores da intelectualidade. Durante as duas últimas décadas, professores universitários e intelectuais trataram de dar substância ideológica e consistência teórica ao projeto de poder da legenda. Ganha a eleição, por causa das alianças necessárias para governar e da própria agenda do governo, esse grupo foi preterido. Os chamados economistas do PT, por exemplo, estão marginalizados do pensamento econômico predominante no governo e empreendem, como nos tempos de oposição, uma guerrilha de idéias. Chegarão divididos e desencantados ao pleito de 2006.

A pouco menos de dois anos da disputa, a análise prospectiva nos antecipa meia dúzia de *highlights* que tornarão a sucessão presidencial um fenômeno muito interessante de ser observado. Embalado pelo crescimento econômico, Lula é o grande favorito. Porém, a partir do fortalecimento do PSDB e do eventual surgimento de uma nova coalizão em torno do PPS, a disputa poderá não ser tão fácil para o presidente. ■

Em 2006 o PT irá para a disputa sem ter que enfrentar um partido semelhante ao PT do passado